"Na ótica, eles só querem vender óculos... não fazem o exame de fundo de olho..."

1994: era para ser mais um domingo de emoção, mais um domingo de Senna quando o inusitado aconteceu. Em um trágico acidente, no tradicional circuito de Ímola, na Itália, Ayrton Senna da Silva choca-se violentamente contra o muro, após não conseguir contornar a perigosa curva Tamburello. A batida foi tão forte que levou em óbito o herói nacional, em pleno dia do trabalho.

Com o Brasileiro órfão, a desacreditada Seleção Brasileira de Futebol viajou aos Estados Unidos para a disputa da Copa do Mundo com o incômodo jejum de 24 anos sem conquista na bagagem. Liderada por Romário, Bebeto, Taffarel e Dunga, o time de Carlos Alberto Parreira não conquistou os críticos, tampouco a população, mas se mostrou forte defensivamente, letal no ataque e frio na emocionante disputa penal da final ante a Seleção Italiana, para conquistar o tetracampeonato mundial de futebol.

Na mesma época, o Brasil andava mal em sua política econômica. Existia um vilão, cujo poder atacava diretamente o bolso do consumidor... era a inflação. Em oito anos, nada menos do que seis planos econômicos foram implantados para contê-la, sem sucesso. Com a atuação importante de Fernando Henrique Cardoso, ao liderar uma equipe econômica qualificada, o Brasil conseguiu, enfim, estabilizar os preços e controlar a inflação com a criação da nova moeda, o Real.

A doutora Acelga Mandioca

O pequeno resumo ao lado ressalta os principais acontecimentos que ficaram marcados na memória dos brasileiros.

Foi neste Brasil de 1994, que a carioca Joana D'arc Pontual de Oliveira, 39 anos na época, começou a perder sua visão. Choro, crises e muita dor culminaram com a cegueira irreversível por glaucoma. Joana poderia estar enxergando hoje, caso não houvesse negligência em seu atendimento, realizado inicialmente em cinco estabelecimentos óticos diferentes.

"As dores começaram em 1994 e eram muito fortes. A princípio achava que era cansaço, pois trabalhava demais (Joana trabalhava com costura e artesanato, além do lar). Então eu comentava com o "maridão": amor, você está vendo uma nuvem? E para a minha surpresa ele me respondeu que estava um sol de quarenta graus", relembra.

Como as dores não cessavam a carioca, com o auxílio de seu marido Carlos Cerri, locomoveu-se até a ótica mais próxima de sua residência, localizada no centro da cidade de São Paulo (SP).

"Na primeira ótica que visitei, logo fiz o exame de grau. Durante o exame, minha visão embaçava, em instantes desembaçava, embaçava de novo e voltava ao normal. No fim, o ótico receitou os óculos, que mandamos confeccionar imediatamente", ressalta.

Joana passou a semana seguinte com os novos óculos, mas os problemas oculares permaneciam. "Fiz os óculos e fiquei com o mesmo problema, com as mesmas dores e a visão embaçada".

Com o insucesso do primeiro diagnóstico, Joana e seu marido procuraram atendimento em outras óticas. "No total, fui a cinco óticas em um período inferior a três meses. Cada uma me receitando óculos diferentes. Nada adiantava, pois minha visão ia diminuindo e a dor que sentia era insuportável", recorda.

Vendo sua esposa em agonia constante, Cerri imaginou que o problema poderia ser mais grave e decidiu procurar atendimento médico oftalmológico.

"Só fui para a clínica porque não sabia mais a quem recorrer. Minha visão era um completo borrão e mesmo com os óculos eu enxergava tudo borrado. Já estava tropeçando nas coisas, comecei a bater com a coxa em tudo", lembra Joana.

Primeira consulta médica

"Fui examinada por uma médica japonesa. Assim que cheguei ao consultório, ela me posicionou

no aparelho e questionou se estava sentindo dor. Informei que sentia e já havia muito tempo. O incrível é que no primeiro exame, a médica foi direto medir a pressão do meu olho e de antemão informou meu diagnóstico: glaucoma. Notei uma grande diferença entre um especialista e alguém interessado apenas em vender óculos", lembra.

Neste exato momento, a cidadã pôde entender a diferença entre o atendimento realizado pelo médico e o feito por pessoa especializada na elaboração/confecção de lentes e óculos.

"Na ótica, só querem vender óculos. Não fazem o exame de fundo de olho. Só conheci o que é fundo de olho, o que é glaucoma de ângulo fechado ou secundário na clínica de olhos. Lá eu fiquei sabendo de tudo".

Com o diagnóstico estabelecido e correndo contra o tempo para minimizar os efeitos do glaucoma, a carioca foi encaminhada para o Hospital de Clínicas.

"Quando fui diagnosticada, meu glaucoma já estava muito avançado e já havia perdido 80% da visão. No Hospital de Clínicas fui encaminhada para o Departamento de Oftalmologia e sabe o que aconteceu? A médica já me deu uma bengala para ir "bengalando" e não "tacar a cara" na parede", brinca.

Visitar o Departamento de Oftalmologia tornou-se roteiro constante na vida da carioca, principalmente porque sua pressão ocular não baixava, ficando em 85.

Mudança para Bofete

Joana e o marido mudaram-se para Bofete, cidadezinha do interior de São Paulo situada a aproximadamente 200 quilômetros da capital, em 1998. Nessa época sua visão já tinha reduzido mais 5%. Suas consultas aconteciam agora na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) de Botucatu. Foi lá que descobriram que o seu glaucoma era secundário, provocado por uma síndrome chamada Behçet.

"Nesta fase eu perdi todos os meus dentes, por causa de uma hemorragia na gengiva. Fiquei também diabética, pois o remédio prejudicou meu pâncreas. Por fim, tive mais uma crise de glaucoma, ficando completamente cega e acabei retirando o meu olho direito", diz.

Seu olho direito foi direto para a Universidade de Campinas (Unicamp) para estudo, com o objetivo de confirmar corretamente a doença diagnosticada. "Por isso que o glaucoma era secundário, pois o vírus do Behçet estava completamente no meu olho. Eu até brincava com a médica, dizendo que era o "vírus do Ipiranga"", gargalha, puxando o tradicional "r", a carioca.

Hoje Joana tem ciência de que se tivesse sido examinada inicialmente por médico oftalmologista teria mantido parte de sua visão e não se encontraria em total cegueira. Informa também que, na época, nem ela e nem seu marido tinham a noção da diferença entre ótico e médico oftalmologista. Joana nunca pensou em buscar os seus direitos na Justiça.

"Isso nunca passou pela minha cabeça. Fiquei conformada com a cegueira, aceitei e enfrentei o problema e o maridão me deu total apoio. Não adianta a gente se vingar, já aconteceu, o leite já derramou vida que segue" afirma.

A vida hoje

Aproximadamente 18 anos depois do início de seus problemas oculares, encontramos uma senhora com espírito jovial. A cegueira permanente não foi motivo para desânimo e lamentações. A divertida carioca, mãe de dois rapazes (Maxmiliano e Carlos) e uma moça (Ângela) é exemplo de superação.

"Desânimo? Não conheço esta palavra. Eu fiz curso de palhaça hospitalar e meu nome é Doutora Acelga Mandioca. Faço parte do grupo Cuestalhaços de Botucatu e todos temos nome de frutas, flores e coisas do gênero. Participo de visitas em Asilo, no Hospital Psiquiátrico e Orfanato. Chego lá para visitar os pacientes, tentar levar momentos felizes para eles e aí, quando descobrem que sou deficiente visual ficam mais animados", comemora satisfeita.

Joana ainda conserva o olho esquerdo, mesmo com os médicos querendo retirá-lo para reduzir as dores. "Ainda sinto dor no meu olho esquerdo, pois é um olho morto e doloroso que ainda está com glaucoma. O maridão não quer deixar os médicos retirarem, pois possui esperança na Medicina, em alguma coisa cibernética que venha ser inventado. Vai que inventam algo que ligue o nervo ótico ao cérebro?", confidencia.

O dia da carioca é completamente atarefado e concentra-se nos cuidados com o lar, seu trabalho social junto aos Cuestalhaços e a confecção de suas bonecas artesanais. Em tom de despedida, Joana deixa a sua lição do ocorrido e um importante exemplo para as pessoas em relação à vida.

"Olha, fica muita coisa de lição. Acho que quando enxergava era cega. Tive que ficar cega para começar a enxergar realmente. Hoje sei que perdi a minha visão por incapacidade de pessoas, mas acho que essas pessoas, hoje em dia, são muito mais cegas do que eu, pois a cegueira deles é de espírito. A minha cegueira é da matéria, porque a matéria é podre, adoece, mas o meu espírito enxerga. Não tenho raiva das pessoas que fizeram isso comigo, perdoo... acho que é por isso que me chamo Joana D'arc. Os problemas existem para que possamos enfrentá-los e nos fortalecermos cada vez mais", ensina.

"Cara feliz e realizado"

Joana D'arc casou-se com Carlos Cerri em agosto de 1983. De lá para cá, o casal viveu intensamente o famoso bordão "na saúde e na doença".

"Quando a conheci, minha mulher tinha seu quadro de saúde normal, mas com o tempo acabou perdendo a visão. Continuamos juntos do mesmo jeito, nos amamos, continuou cuidando de mim com zelo. É boa cozinheira, faz um frango na panela divino. Às vezes ainda dou um fora: nossa, amor, como a lua está bonita, venha ver. Ou então, amor vem ver o que está passando na TV... Ela tem um espírito tão lindo, tão forte que as vezes eu acabo esquecendo que não tem visão. E a gente vai levando, melhor assim do ficar sofrendo. Temos uma vida normal. Ela vai nos bailes, é uma pessoa muito conhecida aqui. Não gosto muito de dançar, mas acabo acompanhando. Gosta muito de fazer trabalhos sociais também, então na realidade posso dizer egoisticamente que sou um cara feliz e realizado".